



LUANDA O jornalista António Cascais, à esquerda na foto, a cumprimentar um colaborador da rádio Despertar

Agredido no bairro do Iraque

Jornalista português detido por assistir à demolição de uma zona onde vai nascer um condomínio de luxo

POR HELENA FERRO GOUVEIA

Luanda. Bairro do Iraque. 28 de Novembro. Veículos blindados militares cruzam o bairro de castelos rasos, de ruínas de alvenaria. Em segundos, as casinhas são reduzidas a escombros pelas escavadoras. Nuvens de pó por todo o lado. Um circo de destruição. Diariamente, cerca de 200 casas são ali demolidas, a 20 minutos das principais artérias da capital angolana. Demolidas para dar lugar a um condomínio fechado. Um paraíso construído por trabalhadores da construção civil chineses. O projecto tem o nome de Jardim do Éden.

Desde o final da guerra civil em Angola que o Governo despejou milhares de pobres, em Luanda. Com violência, muitas vezes sem indemnização ou com uma indemnização ridícula. As ONGs Human Rights Watch e Angola SOS Habitat documentaram, num relatório publicado em Maio deste ano, 18 despejos, que afectaram 20 mil pessoas.

Na manhã de 28 de Novembro, dois jornalistas, o português António Cascais, que

trabalha como *freelancer* para a rádio alemã Deutsche Welle, e Alexandre Neto Salombe, director da rádio angolana Despertar e deputado da UNITA, apanharam uma Hiace, espécie de táxi colectivo, e foram até ao Iraque. Alguns «iraquianos» telefonaram para a Despertar denunciando o uso excessivo da força por parte de seguranças privados e da polícia militar, durante as demolições. O consórcio privado responsável pelo Jardim do Éden goza da protecção do MPLA.

INTERROGADO NO JARDIM ÉDEN

Às 10 e 30 chegam ao Iraque. Mulheres, crianças, pessoas desesperadas vão ao seu encontro. «Abaixo o MPLA, abaixo o MPLA.» O medo deserta quando não há

Sou ameaçado. Dou por mim a gritar por favor, por favor!

mais nada a perder. Depois foi tudo muito rápido, recorda António Cascais. «Sou ameaçado. Um punho aproxima-se da minha cara. Dou por mim a gritar 'por favor, favor'. E estendo a minha carteira de jornalista. O punho pára a milímetros do meu nariz.» Com violência, arrancaram-lhe a câmara. Alexandre Solombe recebeu várias bofetadas. Os dois jornalistas foram arrastados e

atirados para o chão de um veículo da Polícia Militar. Pedras voam em direcção aos três carros. Os polícias militares disparam.

António Cascais e Alexandre Salombe são levados para a sede do consórcio responsável pela construção do Jardim Éden. O director interroga-os, «horas a fio». «Grita, tenta amedrontar-nos, humilhar-nos. Mais tarde, exige que peçamos desculpa», diz António Cascais. Salombe, em particular, «deve envergonhar-se de ter 'infiltrado' um estrangeiro no Jardim Éden».

Cerca das 15 horas, o «caso» é entregue à DNIC, Direcção Nacional de Investigação Criminal. Entretanto, a rádio Despertar e a emissora católica Ecclesia noticiam o sucedido. «Iraquianos» telefonaram para estas rádios a contar o que se tinha passado. A Ecclesia telefona para Bona, para a sede da Deutsche Welle. Começa uma ofensiva diplomática. A Alemanha faz pressão. Discreta, mas bem sucedida. A Amnistia Internacional protesta. Em Luanda, a polícia criminal lamenta o que aconteceu no Iraque. Liberta os jornalistas e entrega-lhes alguns dos aparelhos que tinha confiscado. Falta, ainda, um dos gravadores de rádio. Apesar do sucedido, António Cascais continuará em Angola, até 23 de Dezembro, para concluir o curso de Jornalismo que está a leccionar aos seus colegas africanos da rádio Despertar. «É preciso ter coragem para se ser jornalista independente, em Angola.» E deixa uma recomendação, meio séria, meio irónica: «Veja lá o que é que escreve, que eu não quero ser preso outra vez!»